

Violência doméstica (1)

JOSÉ DIQUISSONE TOLE

NOS últimos dias têm sido frequentes as notícias de que, no lugar de ser um espaço de amor, carinho, prazer e protecção dos seus membros, a família tem sido o foco dos mais hediondos crimes.

Os órgãos de comunicação social davam conta de dois acontecimentos de extrema gravidade, um ocorrido na Praia Nova, em que um namorado decidiu deliberadamente tirar a vida à sua companheira, outro no Maputo, em que uma mulher decidiu envolver pessoas estranhas num desentendimento conjugal, o que resultou no extermínio do homem.

Na mesma semana, uma colega de trabalho escapara à morte certa por carbonização, depois de o suposto marido ter tomado a decisão de entulhar o quarto alugado com roupas e outros objectos inflamáveis a fim de acabar com a vida da mulher com quem vivera oito anos e tivera uma filha. Outra ainda tomara a difícil decisão de mudar de residência, transferindo-se para o distrito mais próximo, apenas porque o pai dos seus três filhos, com quem já não vive há um par de anos, lhe persegue sem tréguas, prometendo tirá-la a vida. Uma semana mais tarde, outro caso era reportado em Maputo, em que um jovem, de quem se disse ser sorumático, esgarateou uma irmã de quatro anos de idade e deixou a mais velha com golpes profundos que quase lhe custavam a vida. Mas o mais grave de tudo isto é que continua a ser significativa a quantidade de casos de violência doméstica que nem sequer são reportados às autoridades legais. Tal constatação motivou um aceso debate na turma de sociologia de que sou regente,



variável independente e dependente, a primeira conclusão é que no conjunto das vítimas da violência doméstica 70% das que não denunciam actos de violência são do sexo feminino, enquanto 30% são homens. Esta tabela deixa claro que a mulher, para além de ser a mais afectada pelo problema, continua a ser a vítima silenciosa do fenómeno. A segunda tabela evidencia que, no conjunto das pessoas que não denunciam actos de violência doméstica, 50% das mulheres situam-se na faixa etária entre

para o tipo de ocupação, observa-se que o fenómeno afecta mais as mulheres domésticas

em 25% e as de profissão não declarada em 15%. Dito por outras palavras, as ocupações

de menor rendimento estão mais expostas à violência doméstica não denunciada.

quase lhe custavam a vida. Mas o mais grave de tudo isto é que continua a ser significativa a quantidade de casos de violência doméstica que nem sequer são reportados às autoridades legais. Tal constatação motivou um aceso debate na turma de sociologia de que sou regente, tomando por questão de partida esta: "Porque as vítimas não denunciam a violência doméstica às autoridades competentes?"

Sem a pretensão de fazer um estudo sociológico refinado e criterioso, até porque isto envolveria tempo, custos e aparato institucional, o grupo, socorrendo-se da limitada bibliografia disponível,

começou por definir violência doméstica como o acto intencional que põe em risco a integridade física, liberdade e estabilidade emocional dos membros da família, perpetrada por outros membros com quem partilha o mesmo tecto ou laços de parentesco.

De igual modo, baseando-se na lei contra a violência doméstica, o grupo sublinhou alguns tipos mais frequentes deste tipo de infracção, tendo focalizado a violência física, violência psicológica, violência patrimonial, violência social, violência sexual. De seguida, em busca de uma explicação provável da problemática, o grupo avançou a ideia de que quanto maior for a dependência do membro da família, maior é a exposição silenciosa aos actos de violência doméstica. Para testar a hipótese atrás enunciada, o grupo elaborou um pequeno questionário, tendo cada estudante assumido a responsabilidade de entrevistar quatro vítimas de violência doméstica que tomaram a decisão de não denunciar o acto às autoridades competentes. Ainda que não tenha havido uma definição metódica da amostra, que se limitou apenas a quarenta entrevistas, o tratamento de dados levanta questões que, numa investigação séria, criteriosa e detalhada, vale a pena aprofundar.

Numa análise que ficou apenas pela confrontação entre

50% são homens. Esta tabela deixa claro que a mulher, para além de ser a mais afectada pelo problema, continua a ser a vítima silenciosa do fenómeno. A segunda tabela evidencia que, no conjunto das pessoas que não denunciam actos de violência doméstica, 50% das mulheres situam-se na faixa etária entre os 25 e 50 anos de idade, enquanto nos homens este número é de 25%.

Fica evidente que parte substancial da violência doméstica é explicada pela relação conjugal, significando que, na área em estudo, quicá um pouco por todo o país, contrair casamento é também expor-se ao risco da violência. Quando se analisa a convivência silenciosa com a violência doméstica, repartindo os dados por área de cimento e zona periférica, percebe-se que, no conjunto dos 70% de mulheres que não denunciam a violência doméstica, 20% vivem na zona de cimento, enquanto 50% se encontram na zona periférica, sendo a percentagem masculina igualmente repartida entre as referidas zonas. Fica claro que a mulher dos bairros periféricos consente mais o silêncio perante a violência, o que chama a atenção para a necessidade de direccionar acções mais compreensivas de protecção e empoderamento. Quando se faz intervir a variável nível educacional, o inquérito mostra que, no conjunto de mulheres que não denunciam a violência doméstica 15% não têm instrução, 15% concluíram o nível primário, e 20% o nível secundário. Embora seja compreensível que, em locais com elevadas taxas de literacia como a cidade da Beira, a percentagem de incidência esteja ao nível do ensino secundário, parece ser certo que o grau académico só por si não é suficiente para libertar as vítimas e romper o silêncio relativamente a esta tamanha escravatura.

Este argumento explica o silêncio de 2.5% de mulheres de nível superior, que preferem não denunciar a violência doméstica. Na tabela subsequente, olhando